

Orwell à brasileira

Orwell, Brazilian style

José Szwako¹

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - IESP/UERJ

<https://orcid.org/0000-0002-4764-6533>

Matheus Cardoso-da-Silva

Universidade Estadual Paulista – Unesp

**“Nada como a grande literatura de ficção para desenvolver no leitor a capacidade de julgamento moral
(...)A maior parte dos julgamentos morais errados provém da imaginação estreita”**

(O. de Carvalho, Facebook)

“Os melhores livros (...) são aqueles que lhe dizem o que você já sabe”

(G. Orwell, 1984)

Resumo: O texto apresenta a apropriação feita pela extrema-direita brasileira ao redor da obra de George Orwell, em especial, de ‘1984’ e ‘Animal Farm’. Argumentamos que a adjudicação ‘conservadora’ é inadequada para tal apropriação. A leitura feita por intelectuais e editoriais implicados na circulação atual de Orwell nas redes bolsonaristas permite ver como clássicos do pensamento conservador ocidental são aqui canonizados em chave, mais que conservadora, reacionária. Além disso, o duelo de distopias empunhados pelos ideólogos da extrema-direita dá também acesso a uma indústria cultural na qual um sem-fim de produtos culturais são vendidos para forjar e cativar uma plateia potencial reacionária.

Palavras-chave: Reacionarismo, negacionismos, distopia, indústria cultural

Abstract: This essay scrutinizes the interpretation made by the Brazilian extreme right about George Orwell's 1984 book. We argue that it is inadequate to name such an interpretation as 'conservative'. The current work of Bolsonaro's intellectuals allows us to see how Western classic conservative thoughts are transformed and canonized in a reactionary way. Furthermore, the duel of dystopias wielded by far-right ideologues also gives us access to a cultural industry in which products are trying to captivate a potentially ultra conservative audience.

Keywords: Reactionarism; denial; dystopia; cultural industry

¹ José Szwako, bolsista Prociencia (UERJ), agradece à Faperj (APQ1 - Proc. E-26/211.775/2021)



Rei morto, rei posto. O falecimento de Olavo de Carvalho em fins de janeiro deste ano abre uma lacuna importante no conjunto das produções, articulações e reflexões vindas da extrema-direita brasileira. Se sua reputação lhe precede, os números de venda de suas obras são talvez mais impressionantes. Publicado em 2013, “O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota”, seu principal best-seller, chegou a impressionantes 25 mil cópias vendidas apenas no ano de seu lançamento. Reeditada em 2017, a obra “O Imbecil coletivo”, de 1996, também ocupou o pódio de vendas no seu relançamento. Segundo o próprio autor, seu “Seminário de Filosofia”, depois desenvolvido como “Curso Online de Filosofia”, já teria formado mais de 10 mil alunos desde meados dos anos 1990. Com posição de vanguarda na fabricação de um pensamento reacionário no Brasil, aliando teologia e crítica antimodernas à anti-intelectualismo e anticomunismo, a compreensão dessa figura ímpar e de seus efeitos em nossa política vai demandar ainda tempo e fôlego crítico.

O intervalo entre 1996 e 2013, no entanto, esconde uma discreta saliência: a única menção a G. Orwell no primeiro livro dá espaço para um investimento maior no livro dedicado àqueles que não querem ser idiotas. Na série de ofensas à universidade pública e a intelectuais brasileiros, reunidas em “O Imbecil coletivo”, Orwell é trazido *en passant* contra Richard Rorty. Para Olavo, o pragmatista americano “propõe a abolição das oposições entre o verdadeiro e o falso, o real e o aparente, o absoluto e o relativo, etc., que tanto vêm fazendo sofrer os estudantes de filosofia, e sugere a adoção universal da Novilíngua”. Trata-se, na leitura olaviana, de uma “sutil imposição de vontades mediante a repetição de slogans e a mudança de vocabulário. É o que George Orwell denominou Newspeak, a Novilíngua de 1984”.

Já no livro de 2013, as referências ao autor de 1984 ganham outro peso, outro enquadramento. “Enganam-se”, diz o reacionário, “aqueles que enxergam na novilíngua (newspeak) de George Orwell apenas um truque publicitário concebido por líderes maquiavélicos para induzir militantes estúpidos a aceitar a guerra como paz, a tirania como liberdade”. Na perspectiva de Olavo, “[quando] Orwell disse que os comunistas inventaram um novo idioma no qual amor é ódio, paz é guerra, sim é não e não é sim, ele não exagerou em nada”. E, em um comentário sobre a invasão estadunidense no Iraque, ele critica a imprensa por chamar o ex-presidente Bush, o filho, de fundamentalista e por “colaborar com a reforma orwelliana do vocabulário”. Tornado adjetivo, o inglês é elevado a cânone reacionário, pois Orwell aparece, nas páginas de Olavo², como “um dos grandes criadores da linguagem anticomunista, calculada para parodiar e implodir o jargão comunista”.

Essa moldura anticomunista vai marcar profundamente a apropriação reacionária atualmente desenrolada ao redor do nome e da obra de Orwell no Brasil e é dessa apropriação, exponenciada pelo contexto pandêmico, que trata este ensaio. Como sites e ideólogos ultraconservadores têm lido e difundido obras como *1984* e *Animal Farm*? E, ainda, o que essa apropriação pode nos dizer em termos de produções narrativas e disputas de sentido? Assim, atentos à forma pela qual intérpretes da extrema-direita brasileira têm incorporado e traduzido Orwell para seu público, queremos neste ensaio sugerir que suas narrativas fazem proliferar figuras distópicas orwellianas para falar, não da imaginação de horizontes de futuro, mas de suas imaginações e teorizações do presente; não do mundo como ele seria ou será, mas como, ao menos a seus olhos, o mundo é já hoje. Nessa proliferação de sentidos, veremos, ao lado do cânone ultraconservador contemporâneo, os suportes nascentes e os ideólogos de uma indústria cultural reacionária em sua luta por se afirmar, como disse Jill Lepore no *New Yorker*³, no duelo de distopias.

2 Cf. <https://olavodecarvalho.org/a-esquerda-inventada/>.

3 Cf. <https://www.newyorker.com/magazine/2017/06/05/a-golden-age-for-dystopian-fiction>

As recepções de Orwell

Era um dia frio e pouco luminoso de janeiro de 2017, o ano em que *1984* voltou ao topo dos livros mais vendidos, não no Brasil, mas nos Estados Unidos. Por ocasião do fiasco da celebração de posse de Trump, seu porta-voz disse que teria sido a posse mais numerosa já vista naquele país, ao passo que uma assessora do recém-eleito presidente alegou que se tratava de uma questão de perspectiva - “fatos alternativos”, ela disse, incansavelmente desmentida por dados e fotos de todos os ângulos. Mais do que uma referência à figura orwelliana do “duplipensamento”, tratava-se de duas simples mentiras. Assim como nas teorias conspiratórias mobilizadas contra Clinton na corrida eleitoral, mentiram ao falar dos números e mentiram ao empenhar uma citação *fake* de *1984*, verdadeira coqueluche àquele ano.

Não foi só nos Estados Unidos que a moda pegou. A crise sanitária global disparada pela covid-19 recolocou Orwell na lista dos livros mais vendidos também no Brasil. Tanto *1984* como *A Revolução dos bichos* voltaram às listas de obras de ficção mais vendidas entre 2020 e 2021. No primeiro ano pandêmico, ocuparam o 10º e o 7º lugares do ranking da Nielsen⁴, tendo ocupado nada menos que os 4º e 3º lugares, também respectivamente, nas listas da Publish News⁵. Já em 2021, ambos os livros caíram um tanto em vendas, mas seguiram firmes entre os 20 mais vendidos da Publish⁶.

Afortunadamente ou não, neste mesmo ano de 2021, suas obras entraram em domínio público com o 70º aniversário de morte do autor, de modo que as agências e editorias do reacionarismo brasileiro pegaram carona nessa onda lançando sua própria versão de Orwell. O jornal *Gazeta do Povo*, por exemplo, lançou em outubro do ano passado uma tradução de *Animal Farm*, “oferecendo de forma gratuita a seus assinantes uma edição exclusiva de ‘Revolução dos Bichos’”⁷. Na visão da *Gazeta*, esta obra é uma “alegoria” antissoviética. “Na Fazenda Solar, a utopia logo dá lugar ao terror, como aconteceu na União Soviética — e em todos os lugares em que o comunismo se instalou. As execuções, a fome, o trabalho forçado, a criação de uma elite política: tudo é contado em forma de fábula de maneira magistral por George Orwell”. Essa volta ao britânico, contudo, não é apenas literária nem se resume a uma denúncia da história soviética, pois o presente é orwelliano. “Por isso o interesse público no autor se renovou: vivemos em tempos em que as liberdades individuais estão sob ameaça, seja por ditaduras como a China, ou por gigantes companhias de tecnologia, que censuram em nível mundial”. Agora, graças à *Gazeta*, o público tem em mãos “um libelo contra a opressão”.

Para sermos justos, não é a primeira – e certamente não será a última – vez que Orwell é mobilizado por forças e vozes ultraconservadoras. De fato, para a obra de Orwell, os problemas apenas começavam logo ao final da Guerra Mundial em 1945. Seus textos, em sua maioria publicados na imprensa do período, tomam naquele momento uma outra dimensão diante da repercussão que seu nome ganhara, através do sucesso internacional quase que imediato de *Animal Farm* e de *1984*, publicados em 1945 e em 1949. Já no contexto polarizado do pós-guerra, ambos os livros foram inseridos em um quadro monolítico que rapidamente tomou a forma de uma crítica aberta a URSS, realocando Orwell como ícone do anticomunismo internacional. Em grande medida, isso se deve à enorme repercussão das duas obras nos EUA, onde seus livros atingem a posição de best-sellers entre os mais vendidos de seus anos de lançamento a partir da cena intelectual novaiorquina.

4 Cf. <https://cultura.estadao.com.br/blogs/babel/conheca-os-livros-mais-vendidos-no-brasil-em-2020>

5 Cf. <https://www.publishnews.com.br/ranking/anual/9/2020/0/0>

6 Cf. <https://www.publishnews.com.br/ranking/anual/9/2021/0/0>

7 Cf. <https://www.gazetadopovo.com.br/ideias/gazeta-do-povo-lanca-edicao-exclusiva-de-revolucao-dos-bichos-de-george-orwell/>



Deste lado do Atlântico Norte, a corrida contra o “perigo comunista”, desencadeada pelo macartismo, inaugurava uma era geopolítica pós-Segunda Guerra com o mundo ocidental sob influência dos EUA. O investimento na chamada “guerra fria cultural”, no entanto, ultrapassava órgãos de Estado, estendendo-se a agências não-governamentais e representantes da indústria, como as Fundações Ford e Rockefeller (Barnhisel, 2007). É dentro desse conjunto de redes e campanhas antissoviéticas transnacionais, envolvendo a criação de revistas como a *Encounter* e a *Perspectives USA* e o deslocamento de outras mais tradicionais, como a *Partisan Review*, para a centro-direita, bem como a organização de congressos em defesa da “liberdade cultural”, que a fortuna desse suposto “Orwell anticomunista” deve ser entendida. Assim, sua rede de publicações, amizades e afetos junto a intelectuais de esquerda democrática, em especial ao redor da *Partisan Review*, junto a A. Koestler e A. Gide, nos permite entender como uma crítica anti-stalinista compartilhada foi, naquele contexto polarizado, lida e amplamente aceita como anticomunismo *tout court*.⁸ Ao longo da década de 1950, essa imagem ganhou ainda mais força com dois eventos. Primeiramente, com a publicação de *Homage to Catalonia* nos EUA (1952) e sua leitura crítica da Guerra Civil espanhola (1936-1939). E, em segundo lugar, com a compra dos direitos autorais de *Animal Farm* pela CIA, em 1954, para produzir um desenho animado que serviria como fonte de propaganda anticomunista mundialmente difundida (Leab 2007).

A recepção de Orwell no Brasil segue um caminho parecido a esse. Promovida pela ditadura militar brasileira, a primeira tradução de *Animal Farm* se deu em 1964, pelas mãos de ninguém menos que o secretário de Golbery do Couto e Silva: o capitão do exército Heitor de Aquino Ferreira. À diferença de Portugal, onde a obra foi traduzida como *A quinta dos Animais*⁹, a escolha do título brasileiro nesta primeira edição foi *A Revolução dos Bichos*. Era uma tentativa de fazer do título um panfleto anticomunista pois associava o termo “revolução” a uma ideia negativa, em analogia a uma visão crítica a Revolução de Outubro de 1917.

Na contramão dessas tendências, talvez um dos críticos mais perspicazes de Orwell tenha sido Raymond Williams (1921-1988). Em oposição aos críticos da esquerda britânica da qual ele próprio e Orwell faziam parte na metade do século XX, Williams se negou a qualificar o escritor de mero “pequeno burguês” ou coisa que o valha. Os equívocos ao redor de Orwell, assim como sua apropriação pelo anticomunismo internacional, eram, para Williams, resultado da simplificação da crítica orwelliana aos problemas sociais e políticos que varreram o mundo nas décadas de 1930 e 40. E é com referência a esses problemas e, neles, à trajetória de Orwell, que Williams preferiu ler seu caráter paradoxal, como defensor das liberdades exilado de si e do comunismo, como crítico, não do socialismo, mas sim dos socialistas soviéticos de então.

No Brasil de hoje: Orwell, negacionismo e presente distópico

Tal como lhe ocorreu historicamente, Orwell tem sido objeto de vasto elogio também no Brasil contemporâneo. E isso é verdade, sobretudo, para meios ultraconservadores – modestamente autointitulados “conservadores”¹⁰. Nas páginas da *Gazeta do Povo*, por exemplo, ele foi erguido ao status de cavalo de batalha ideológica de primeira estirpe: “Orwell versus Marx: quem reinará na distopia pós-pandêmica?”¹¹ – é o

8 Para as relações de Orwell com seus contemporâneos da esquerda anti-stalinista nos dois lados do Atlântico, ver a tese de Matheus Cardoso-da-Silva, *As cartas de Londres: George Orwell nas redes intelectuais em Londres e Nova York (1941-1946)*. 2016. Doutorado em História Social, USP.

9 Cf. https://www.lpm-blog.com.br/?p=29051&fbclid=IwAR0wzv3WO0QKxl0OO4yeuLvLP_BwPFb1HPxDo9Fu9wWl5yPJALjIXfgbQe8

10 Inclusive por um dos principais think tanks reacionários brasileiros, o Brasil Paralelo, que oferece a seu público um guia para leitura dirigida do 1984, repetindo a fórmula de apropriação de Orwell: <https://www.brasilparalelo.com.br/artigos/resumo-livro-1984-george-orwell>

11 Cf. <https://www.gazetadopovo.com.br/vozes/daniel-lopez/orwell-vs-marx-quem-reinara-na-distopia-pos-pandemica/>

título do artigo com o qual aprendemos que uma legião de teóricos “tem se dedicado ao uso da palavra como instrumento de domínio das massas”.

“O ano de 2020” - nesse comentário de um teólogo, linguista e (como Olavo) filósofo - “colocou para o Ocidente, um pouco mais acostumado à democracia e à liberdade, uma excelente oportunidade de reler a obra orwelliana. Quarentenas, isolamentos, fechamento do comércio e a enorme invasão estatal na vida privada tornaram a leitura [de 1984] de uma atualidade visceral”. Exemplo de como a linguagem seria “usada da forma mais covarde possível” é visto por essa sorte de filósofo-teólogo na tentativa do primeiro-ministro inglês, amparado por experts, de “ajudar os britânicos a melhorarem seus padrões alimentícios”. O léxico mobilizado para explicar como se daria isso é uma versão própria de Orwell: controle, Estado, pontuação, benefícios, família, massas. Sua desconfiança, no entanto, lhe permite ir além e ver as “segundas intenções” por detrás da maquinaria do governo inglês. “O único objetivo seria [supostamente] combater a obesidade crescente entre ingleses após a pandemia, e não [o que realmente é] monitorar os comportamentos de consumo dos cidadãos e utilizar essa informação em desfavor do indivíduo em momento oportuno”.

O desfecho dessa narrativa pós-pandêmica é, no entanto, promissor. O crescimento das vendas de 1984 dá ao colunista um “fio de esperança de que, no final, Orwell vencerá Marx”. A aposta subjacente a esse horizonte é a de que o público cultivado em Orwell se distancie de medidas e de figuras como as de Johnson, para se aproximar mais e mais a figuras como as de Sócrates. Do modo análogo à hostilidade nutrida por Orwell contra uma (alegada) decadência da intelligentsia britânica (Claeys, 2010, p.125), o colaborador da Gazeta gostaria que intelectuais e políticos contemporâneos fossem virtuosos como o filósofo grego ao, supostamente, dizer “só sei que nada sei”. Dizê-lo seria uma espécie de antídoto orwelliano. Na narrativa do filósofo-teólogo, o grego “procurou os maiores especialistas de sua época. A surpresa foi que, ao conversar com os maiores peritos sobre ética, leis, poesia e política, [Sócrates] concluiu que os experts não conheciam realmente os temas que julgavam dominar, e desconheciam sua própria ignorância”. Assim, à diferença dos *experts* no passado e de Boris Johnson no presente, estaria “imune ao efeito Dunning-Kruger e à avareza cognitiva”. Ao contrário, devido à sua riqueza intelectual que lhe permitia saber de sua ignorância, Sócrates se situa ao lado daqueles “poucos” – talvez os leitores e interlocutores da Gazeta – “[que] hoje estão dispostos a pensar um pouco mais e reconhecer suas próprias limitações”.

Essa ginástica narrativa é interessante não tanto por suas referências e piruetas, nem por seus cruzamentos históricos e conspiratórios, mas, de modo mais fundamental, porque faz um elástico exercício de imaginação, da Grécia Antiga ao Brasil, passando pela Inglaterra. Nesse exercício, a “distopia pós-pandêmica” do filósofo-teólogo oferece ao público um diagnóstico anticomunista e um cenário sem Marx. Ao mesmo tempo em que são mobilizados valores e tropos centrais àquilo que a imaginação ocidentalista vê em sua versão de cultura erudita – Sócrates e liberdade à frente –, é também acionada uma lógica tipicamente negacionista da ciência: um argumento de raiz científica (efeito Dunning-Kruger) é utilizado para deslegitimar grupos igualmente científicos, rotulados de “peritos”. Tudo isso é contado e decantado em uma gramática doura na qual, mais que cânone, Orwell ganha posto de antídoto e horizonte, contra um poder imaginado no presente e vencedor em um futuro pós-pandêmico.

A influência orwelliana é ainda mais evidente no artigo de opinião “Covid-1984: Uma orientação”¹², publicado no blog do Burke Instituto Conservador. Trata-se de uma sorte de conto no qual o autor, morador de Bagé no Rio Grande do Sul, narra as desventuras vividas junto a seu filho Joaquim, com pouco mais de dois anos, em singelos passeios. “Tenho o hábito extremamente saudável de passear com meu filho” – abre o narrador. Ao falar das eleições municipais de 2020, o autor ironiza o político reeleito na cidade. “Se ele [o vírus] conseguiu colocar medo no prefeito ao ponto de ele fazer alguns decretos draconianos

12 Cf. <https://www.burkeinstituto.com/blog/atualidades/covid-1984-uma-orientacao/>

antes do período eleitoral, o coronavírus pouparia seus correligionários, apaniguados, sabujos, cargos de confiança e todo séquito que circunda seu poder na hora de comemorar a vitória”. Sua ironia se estende aos governadores gaúcho e paulista, ambos afinados na mesma “sintonia em torno das restrições sobre o que é uma atividade essencial ou não”.

Suas andanças parecem estar envoltas em uma mesma lógica, “cada passeio gera um fato inusitado”. Foi ao supermercado onde uma “atendente” diz que “as restrições ao horário de funcionamento do estabelecimento geravam mais aglomerações do que quando os horários estavam ampliados”. No passeio no aeroporto da cidade, um funcionário do estacionamento lhe “orienta”: “O senhor, de forma muito calma disse: ‘Estou lhe dando a orientação para não ficar aqui. Me desculpe, mas é...’ Por óbvio que ele nem precisou falar mais. Avisei que entendia as ordens que ele cumpria”. E, mais uma vez no mercado, ele lê no cartaz: “Departamento interditado!! Conforme orientação do Decreto” de março de 2021.

Tais desventuras lhe são chocantes e explicadas através de uma suposta Novilíngua, a da “covid-1984”. “Orientar não é o mesmo que obrigar ou determinar. Será que, de repente, a Covid-1984 alterou a linguagem?”. No dialeto negacionista, é virtuoso desobedecer aos governadores, cujas “orientações” seriam baseadas em “siência” – tal como grafado no texto. “Orientação é o termo da moda para avisar aos desavisados servos contemporâneos que caso não sigam a orientação serão forçados a obedecer?”. Esse não é senão o papel da Novilíngua, é “[a] deturpação da linguagem [que] ganha novos contornos com novas tiranias”. Como um Agamben à direita (Nascimento, 2022)¹³, esta crônica é mais orwelliana que Orwell, pois “a docilização para a pior de todas as escravidões é a mental. Em uma era de valorização da vitimização, é obrigatório que o aparelho repressor oprima a liberdade sem parecer que é muita opressão”.

O nome do escritor britânico nos meios reacionários brasileiros, contudo, não esperou a chegada da crise pandêmica para se tornar uma referência. Antes mesmo de 2020, um colaborador da Gazeta do Povo se questiona “Por que ler ‘1984’, de George Orwell”¹⁴. Mirando no que chama de “patrulha ideológica” do “politicamente correto”, a resposta a essa questão evoca, mais uma vez, a Novilíngua cujo “intuito era restringir o pensamento das pessoas por meio da retirada de sentidos ou mesmo de vocábulos”. E segue dizendo: “Quando ouço termos como ‘mansplaining’, ‘lugar de fala’ (...) e toda a sorte de vocábulos que surgem de movimentos como o LGBTI+ e do feminismo, braços da esquerda, percebo que o intuito é isolar e desacreditar aqueles que não compactuam com as ideias e agenda desses grupos”. Ora, o mentor intelectual dessas ideias não podia ser outro: “Como diz Olavo (...) ‘o discurso agora chamado ‘politicamente correto’ se erige em opinião dominante, inibindo e marginalizando toda oposição conservadora ou religiosa”.

Mensagem parecida é vista em outro artigo que também denuncia uma imaginada Novafala progressista. “Luta contra a intolerância, combate ao discurso de ódio, controle social de informação, fact check, são apenas tentativas de mudar a realidade através da mudança de linguagem”¹⁵. Nesse mesmo sentido, Orwell já era em 2018 acionado pelo editor do portal Estudos Nacionais, canal ultraconservador crítico da mídia convencional (também chamada ironicamente de “extrema-imprensa”¹⁶) e dos *fact checkings* no Brasil¹⁷. Para ele, ao nomear de golpe o golpe contra Dilma, jornalistas e acadêmicos estariam seguindo

13 G. Agamben vê a pandemia como “um perverso círculo vicioso, [no qual] a limitação da liberdade imposta pelos governos é aceita em nome de um desejo de segurança que foi induzido pelos próprios governos que agora intervêm para satisfazê-lo”. <https://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/596584-o-estado-de-excecao-provocado-por-uma-emergencia-imotivada>

14 Cf. <https://www.gazetadopovo.com.br/opiniaio/artigos/por-que-ler-1984-de-george-orwell/>

15 Cf. <https://www.brasilsemmedo.com/a-novilingua-e-a-nova-censura/>

16 “Extrema-imprensa” é o rótulo dado por articulistas especial, mas não exclusivamente, do jornal Brasil sem Medo à parte importante e estabelecida das corporações e empresas midiáticas brasileiras, tais como Globo e Folha de São Paulo.

17 Cf. <https://www.estudosnacionais.com/7867/jornalismo-academico-brasileiro-sonha-com-o-autoritarismo/>



a “cartilha marxista para o jornalismo: aproveitar-se de todos os fatos possíveis para reforçar [ao modo de um Ministério da Verdade] a narrativa da exploração de grandes grupos contra pequenos”. E, em uma publicação desse mesmo editor, intitulada “Fake news”, ficamos sabendo “que a novilíngua, expressão cunhada por George Orwell no livro 1984 para designar [a] linguagem que hoje chamamos de politicamente correto, vai ganhando força”¹⁸.

Com a chegada da covid 19, as ideias orwellianas ganham mais relevo e passam a encarnar as distopias pelas quais esse conjunto de pensadores e jornais imagina a pandemia. Big brother, Novilíngua, vaporização¹⁹, duplipensar são algumas das principais categorias levantadas para sustentar agendas e atores negacionistas, a começar pelo presidente. Em defesa de Jair Bolsonaro, um artigo de opinião afirma que vivemos uma “ditadura digital”²⁰. Isso porque “Olavo já foi inúmeras vezes bloqueado pelo grande irmão Facebook devido a postagens. O Twitter em março de 2020 apagou uma série de vídeos que o Presidente postou em sua conta pessoal quando caminhava pelas ruas com a população. O Facebook e o Instagram não ficaram para traz [sic], também apagaram as mesmas publicações Presidenciais alegando violação [d]’as orientações de saúde pública”.

Assim, na imaginação reacionária, o hoje é distópico pois já estamos em uma “ditadura” ou sob “censura”²¹. “A expressão fake news”, por exemplo, para aqueles que são reiteradamente acusados de espalhar desinformação, “converteu-se em um novo tópico desta ditadura da informação, associada negativamente a quem teima em dizer o inconveniente”²². Assim, quaisquer medidas tomadas para conter aglomerações, para frear a circulação de fake news ou para responsabilizar atores e decisões ilegais são todas evidências que levam para um mesmo diagnóstico: “Brasil vive uma ditadura sob belas palavras”²³ – é a opinião de um dos influencers de maior alcance nas redes ultraconservadoras²⁴. Ele “teve Facebook e Twitter censurados; o YouTube desmonetizado; o Instagram apagado; e o sigilo bancário quebrado pela CPI”. Na sua perspectiva, o país “vem passando por uma *ditadura de veludo*, envernizada com belas palavras – defesa da vida, defesa da ciência, combate ao negacionismo – mas, na prática acaba promovendo a censura do debate, calando as vozes dissidentes e até impossibilitando os meios de vida de certas pessoas” (Grifo no original). Tudo isso, enfim, lhe faz parecer “que estamos assistindo à realização da literatura distópica de 1984, Admirável Mundo Novo e Fahrenheit 451”.

Talvez nenhum canal nessa ecologia dos grupos reacionários tenha investido tanto no autor de 1984 como fizeram os editores e colunistas do *Brasil sem medo*, autodeclarado “o maior jornal conservador do Brasil”. “Se para Orwell a vigilância do grande Irmão era o sintoma mais visível da tirania, no Brasil não precisamos de tanto” – lemos em uma compilação de notícias²⁵, que segue – “Na falta de meios para vigiar e controlar as pessoas comuns, a escalada do mal no Brasil pune os bons por pura banalidade e acusa a

18 Cf. Fake News: quando os jornais fingem fazer jornalismo, p.56-57.

19 Na edição da Penguin: “In the vast majority of cases there was no trial, no report of the arrest. People simply disappeared, always during the night. Your name was removed from the registers, every record of everything you had ever done was wiped out, your one-time existence was denied and then forgotten. You were abolished, annihilated: *vaporized* was the usual word” (Grifo no original).

20 Cf. <https://www.estudosnacionais.com/23532/a-ditadura-digital-que-vaporiza-o-presidente/>

21 “A censura nada científica ao ‘tratamento precoce’” é o editorial da Gazeta do Povo de 23 de junho de 2021; cf. <https://www.gazetadopovo.com.br/opiniaio/editoriais/censura-tratamento-precoce-covid-19/>

22 Cf. Fake News: quando os jornais fingem fazer jornalismo, p.37.

23 Cf. <https://www.brasilsemmedo.com/brasil-vive-uma-ditadura-sob-belas-palavras-diz-bernardo-kuster/>

24 Veja “Those on the Right Take Chloroquine” (OLIVEIRA et al, 2021).

25 Cf. <https://www.brasilsemmedo.com/a-inocencia-calada/>

honestidade como se fosse um pecado”. Em sentido análogo, na perspectiva de um colaborador, a tentativa do STF de combater fake news o converte automaticamente em um ministério da verdade²⁶.

Em boa medida, a ênfase dada a Orwell nas colunas do Brasil sem Medo está ligada à predileção literária de seu editor-chefe. Para ele, 1984 é um “retrato de nosso tempo” por descrever “de modo profético muitas das situações que estamos vivendo hoje, nestes tempos pandêmicos, sobretudo quando relata o avanço do coletivismo contra as liberdades individuais, especialmente a liberdade de pensamento”²⁷ – quer dizer, a liberdade para fazer circular desinformação e pânico. É com 1984 que o editor-chefe abre o chamado “Clube do livro”, pois “esse livro tem tudo a ver com que nós estamos vivendo hoje, com a realidade do nosso mundo atual”²⁸. *Revolução dos bichos* não teve fortuna pior e foi igualmente elogiada na “Estante BSM”²⁹, um podcast do Brasil sem Medo, entrando de vez para o cânone literário reacionário. No panteão do BSM, Orwell está junto de nomes menos conhecidos do público brasileiro, como os de Michael D. O’Brien, Gene Sharp e Michel Houellebecq, e, obviamente, ao lado do agora entronizado Olavo de Carvalho³⁰.

Como se vê, o reacionarismo brasileiro tem em Orwell uma importante fonte de inspiração para suas distopias. À diferença da imaginação distópica predominante no século XX, essas narrativas não tomam o futuro, mas o presente como alvo. Nelas, o gênero privilegiado é um tipo ímpar de ficção científica: seus enredos estão repletos de vilões, cientistas e políticos, que juntos impõem uma “mudança na linguagem” e uma “ditadura”. Contra eles, os escritores acionados são como heróis que, se não chegam a salvar o público “inocente”, ao menos dão a leitores e ideólogos a certeza de que eles estão do lado certo da história. Ou seja, lhes dão a sensação de que, contra uma imaginária “tirania” do politicamente correto e de políticos (não somente das esquerdas), eles “teimam” em defender as liberdades individuais, liberdade de expressão te, em especial, de pensamento³¹. Pois, sem ela, “sem a liberdade de pensamento, nós vamos ser escravos do Grande Irmão” – diz o editor do BSM. Aliás, nesse rol narrativo dos vilões liberticidas, o STF vem ganhando maior espaço. “Um dos aspectos mais destrutivos no crescente arsenal de medidas de repressão contra a Covid, talvez (...) seja o entusiasmo com que o Judiciário, as ‘autoridades locais’ e a máquina pública brasileira em geral vêm atacando as liberdades (...). Parece, cada vez mais, ser uma guerra”³².

Todo esse investimento ao redor do escritor britânico nos fala da constelação de valores e atores reacionários, da Gazeta ao BSM, hoje atuantes no Brasil e bem representados na Presidência. Inspirados em Orwell, ao dizerem que vivemos no “presente momento” uma “ditadura” supostamente vinda de movimentos progressistas ou instituições científicas, eles não estão só levantando bandeiras negacionistas. Ao fazê-lo, esses jornalistas, intelectuais e editoriais de extrema-direita estão fabricando sentidos distópicos, por meio da elaboração de (semi) horizontes presentificados e assentados em “clássicos” da chamada alta cultura.

O mesmo ocorre quando, por exemplo, um intelectual dito “conservador” se posiciona contra medidas sanitárias defendendo que “vidas trancafiadas importam”³³ – aí ele faz mais do que ironizar um protesto antirracista e difundir desinformação. Ele está como que erguendo uma biblioteca reacionária, consagrando

26 Cf. <https://www.brasilsemmedo.com/temendo-7-de-setembro-stf-se-converte-em-ministerio-da-verdade/>

27 Cf. <https://www.brasilsemmedo.com/1984-um-retrato-do-nosso-tempo/>

28 Cf. <https://www.youtube.com/watch?v=puMm266k49c>

29 Cf. <https://www.brasilsemmedo.com/estante-bsm-15-a-revolucao-dos-bichos/>

30 Cf. <https://www.brasilsemmedo.com/estante-bsm-especial-olavo-de-carvalho/>

31 Muito embora, para o editor do portal Estudos Nacionais, não seriam essas liberdades per se que estão sob ameaça, “mas a liberdade de dizer certas verdades”

32 Cf. <https://www.gazetadopovo.com.br/vozes/jr-guzzo/estao-tornando-a-tirania-cada-vez-mais-comoda-para-os-tiranos>

33 Cf. <https://www.burkeinstituto.com/blog/cultura/vidas-trancafidadas-importam>



um cânone e reivindicando ídolos literários e intelectuais (Tocqueville, Hayek e outros³⁴) para chamar de seus e para oferecê-los a um público iliberal ansioso por personagens e referências que, se liberais ou conservadoras, serão apropriadas e transformadas em ultraconservadoras. “Eu recomendo fortemente a leitura do 1984” – diz o editor-chefe do Brasil sem Medo – “porque ele traduz aquilo que nós estamos vivendo hoje, o mundo em que as coisas estão completamente invertidas. Um mundo em que você não pode dizer que a grama é verde, o céu é azul, um homem é um homem, uma mulher é uma mulher e que dois mais dois são quatro”³⁵. Assim, esse amplo exercício de imaginação operado através de figuras e categorias orwellianas é como uma fábrica de distopias pela qual essa constelação de atores faz proliferar sentidos de mundo, alegórica e alegadamente sob “censura”, para cultivar e cativar seu público. Esta fábrica de sentidos, contudo, não funciona apenas com imagens e heróis. Como veremos a seguir, ela precisa de suportes e recursos mais do que simbólicos para se reproduzir.

Indústria cultural reacionária

Toda essa circulação de “clássicos”, editores, jornais, intelectuais e ideais ultraconservadores está enraizada em espaços e momentos de sociabilidade e de troca cultural. Exemplo disso pode ser visto no site do Brasil sem Medo, na sua propaganda da “Noite Literária”. Nesse evento realizado off-line pela chamada “Coalizão conservadora”, o editor-chefe do BSM debateu com outras estrelas dessa constelação a respeito da “importância da literatura na restauração da alta cultura”. Caso semelhante de investimento em suportes de comunicação e consumo está no “Clube do Livro”, que é um momento no qual o público do BSM pode ver e ouvir as dicas literárias oferecidas pelo editor-chefe do jornal

Na página principal do Burke Instituto Conservador, vemos de cara que estamos diante da “plataforma de cursos online conservadores mais completa do Brasil”. Seu anúncio vai direto ao ponto; por algumas dezenas de reais, “prometemos te tirar do mundo da fantasia que a grande mídia, a escola, e a sociedade te impõem e te trazer de volta à realidade através do CONSERVADORISMO” (capslock no original). Apesar dessa dureza comunicacional, o slogan de outro reclame soa mais simpático: “Burke – o seu Netflix conservador”. E, tal como o programa de podcast do Brasil sem medo, o instituto tem seu próprio BurkeCast para discutir “temas relevantes e de interesse para o público conservador”.

Já o portal Estudos Nacionais compartilha com o Brasil sem Medo uma estética que remete aos padrões de um site jornalístico. Em comum, ambos os sites oferecem “livrarias” em suas abas principais. Ao acessar a “Livraria BSM”, vemos que Olavo de Carvalho está entre os mais vendidos, junto da autora de “A Verdade sobre a pandemia”³⁶. Já o ranking da “Livraria Estudos Nacionais” parece bem mais diversificado e internacional, embora Olavo também reine nele.

Esse conjunto de eventos, palestras, podcasts, vídeos, encontros, saraus literários, livrarias e cursos permite ver que, como qualquer empresa, esta indústria cultural reacionária tem fins comerciais e precisa desses suportes para se reproduzir materialmente. Como vimos, o sucesso de Olavo de Carvalho denota um crescimento editorial de autores e best-sellers ultraconservadores nada desprezível no país desde 2013 ou dantes. O que esses reclames dão a notar é que essa constelação de sites e jornais não tem multiplicado só os sentidos, mas também os produtos intelectuais e literários em busca de nichos e maiores parcelas do público (e)leitor.

34Veja: “Aspectos bastante similares aos descritos por Tocqueville e Hayek são perceptíveis também nas distopias vanguardistas (...). Tanto em relação às obras de filosofia política, quanto às distopias

35 mencionadas, estas nunca fizeram tanto sentido quanto no presente momento, no qual a liberdade dos indivíduos parece ser tolhida a cada dia com uma criatividade sempre impressionante”. Cf. www.youtube.com/watch?v=puMm266k49c

36 <https://livrariabsm.com.br/index.php?route=product/bestseller>



Interessantemente, no entanto, a baixa quantidade de acessos ao vídeo de introdução a Orwell no Facebook, assim como os minguados *sponsors* que aparecem nesses sites são sinais que permitem, em alguma medida, indagar se a situação material tanto desse conjunto de jornais como de seus ideólogos não seria periclitante. Para essa situação contribuem atualmente ações como as do Sleeping Giants Brasil, frente ao qual perfis e canais negacionistas vêm sendo desafiados e parcialmente derrotados. Disso dá provas o lamento de um jornalista recentemente alçado a star: “Por quê? Por quê?”³⁷ – se pergunta. Por que ele e seus colegas de show vêm, em plena narrativa distópica, sendo vítimas de “censura” das plataformas, se eles apenas defendem que “obrigar a vacinar não dá”? Que o duelo material é pesado também nos dá pistas a situação da própria Gazeta do Povo, a mais anciã das estrelas do ultraconservadorismo, que tem andado mal das pernas por mais de uma década sem sinais de melhora à vista. Ao que parece, quiçá em um exercício de *wishfull thinking*, haveria uma configuração material relativamente desfavorável dentro da qual as agências e agendas do nosso reacionarismo vêm lutando para se impor e crescer.

É, então, nessa dupla inscrição, material e simbólica, que G. Orwell é lido e celebrado no Brasil de Bolsonaro. Quando as estrelas descem à Terra, vê-se que o duelo de distopias do reacionarismo é mais que narrativo. Por um lado, esses jornais e sites contrastam fortemente com as recepções pretéritas de Orwell, pois, no mundo polarizado do pós-Guerra, ao menos ainda existia alguma realidade político-ideológica comunista contra a qual se posicionar. Já hoje, face a um imaginário “presente” “ditatorial”, são empunhadas bandeiras, textos e armas negacionistas. Para isso, toda esse ecossistema desinformativo forja suas catedrais e cânones com autores e textos tornados reacionários por força de sua interpretação. Por outro lado, eles têm que dar conta dessa indústria de pesadelos distópicos. Ou seja, eles têm que sobreviver dia a dia, mês a mês, fidelizando e atizando parcelas dos consumidores, não raro, ávidos pela “crítica” orwelliana. Aos intelectuais e ideólogos reacionários, o desafio não é menor: disputar o estrelato e manter vivo o reinado de Olavo de Carvalho no decrépito cenário em que se tornaram a opinião pública e o Estado brasileiros.

37 Cf. <https://www.gazetadopovo.com.br/vozes/luis-ernesto-lacombe/censura-programa-4-por-4>



Referências

- BARNHISEL, Greg. (2007) *Cold War Modernists: Art, Literature, and American Cultural Diplomacy*. Columbia University Press.
- CARDOSO-DA-SILVA, Matheus. (2016) *As cartas de Londres: George Orwell nas redes intelectuais em Londres e Nova York (1941-1946)*. Doutorado em História Social, USP.
- CLAEYS, Gregory. (2010) *The origins of Dystopia: Wells, Huxley and Orwell*. In: *The cambridge compation to utopian literature*. New York: Cambridge University Press, p. 107-135.
- LEAB, Daniel J. (2007) *Orwell subverted: The CIA and the filming of the Animal Farm*. Penn State University Press.
- MARKS, Peter (1995). "Where He Wrote: Periodicals and the Essays of George Orwell". *Twentieth Century Literature*. Vol.41, No.4, pp.266-283.
- NASCIMENTO, Raphael (2022). "Caso Agamben". In: SZWAKO, José; RATTON, José L. (Orgs). *Dicionário dos Negacionismos no Brasil*. Recife: Cepe, p.64-67.
- OLIVEIRA, Thaiane et al (2021). "Those on the Right Take Chloroquine": The Illiberal Instrumentalisation of Scientific Debates during the COVID-19 Pandemic in Brasil, *Javnost - The Public, Journal of the European Institute for Communication and Culture*, 28:2, 165-184
- ORWELL, Sonia; ANGUS, Ian (org). (1968) *The Collected Essays, Journalism and Letters of George Orwell*. London: Secker and Warburg. 4 volumes.
- SOUSA, Everton; GENTILE, Fabio (2021). *Da crítica à mídia de massa ao elogio da Internet: Os fundamentos da proposta comunicacional do portal/projeto Estudos Nacionais*. Em *Tese*. v. 27, p. 168-195.
- WILLIAMS, Raymond. (1971) *Orwell*. London: Fontana/Collins.